

A sucessão e suas alternativas políticas

Haroldo Hollanda

Um graduado político baiano, que se encontra no momento engajado politicamente com o deputado Paulo Maluf, fez ao presidente Figueiredo, durante a sua última e breve permanência em Salvador, a confissão de que hoje são reduzidas as chances de vitória no Colégio Eleitoral da candidatura do ex-governador paulista. A mesma personalidade, que nos transmite essa informação, faz sentir que o desejável seria que o deputado Paulo Maluf, ao reconhecer a inevitabilidade da derrota, abrisse mão de sua candidatura, criando assim condições para uma reformulação do quadro político da sucessão presidencial.

Um influente político do PDS admitia ontem, em conversas informais, que o Governo tem diante de si duas alternativas políticas, das quais poderá se valer, para superar os obstáculos representados pelas dificuldades que se somam na hora presente: uma delas seria convencer o próprio presidente Figueiredo a absorver e aceitar como fato inelutável a vitória de Tancredo Neves, o qual assumiria, desde já, o compromisso de realizar, no poder, um governo de transição, para a plenitude democrática, aberto a todas as correntes do pensamento político nacional. A outra alternativa com a qual se poderia contar seria o parlamentarismo, com eleições diretas em 88, revigorando-se na sua essência e espírito a antiga emenda Figueiredo. No entanto, há muitas e crescentes resistências ao parlamentarismo, dada como experiência malograda em 61.

Quanto ao discurso do ministro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica, as avaliações feitas por políticos de várias tendências, inclusive por personalidade de expressão do PDS, é que do ponto de vista dos interesses políticos da candidatura Maluf os resultados não foram os pretendidos. Inicialmente, apesar dos esforços desenvolvidos pelo presidente Figueiredo, não se obteve até aqui a esperada palavra de apoio do governador João Durval, à candidatura Maluf, o qual sempre escapa de uma definição final através de várias evasivas. No mínimo foi estranho o comportamento de João Durval, não comparecendo ao aeroporto para o desembarque de Maluf, e depois aparecendo ontem nos principais jornais de Salvador, ao lado de Antônio Carlos, na festa de aniversário do ex-governador. Observa-se ainda que dos 25 deputados que compõem a bancada federal do PDS baiano na Câmara, apenas sete deles estiveram presentes ao aeroporto de Salvador.

Argumenta-se ainda que a fala do ministro Délio Jardim de Mattos só teria efeito imediato se às palavras por ele proferidas tivessem correspondido a atos políticos concretos e subsequentes, o que não se registrou. Pelo contrário, ajustando a capricho a carapuça na cabeça e sentindo-se diretamente ofendido pelo discurso do ministro da Aeronáutica, o ex-governador Antônio Carlos Magalhães procurou extrair do episódio a seu favor todos os dividendos políticos. Tanto assim que um dos mais renitentes adversários políticos de Antônio Carlos, na Bahia, o deputado El-quisson Soares, do PMDB, reconhecia ontem, abertamente na Câmara, que o ex-governador baiano soubera capitalizar do melhor modo possível os acontecimentos políticos em que se vira envolvido.

Da parte do ex-governador Tancredo Neves, o deputado paulista, Roberto Cardoso Alves, do PMDB, informava ontem, numa conversa descontraída com o senador Itamar Franco, que a linha de comportamento do candidato das oposições obedece a uma diretriz da qual ele não se afastará. Tancredo, seguindo as recomendações de Aureliano Chaves, não atácará a Revolução e os seus chefes, bem como destácará em todos os seus pronunciamentos que as Forças Armadas, distanciadas de todo e qualquer envolvimento na disputa política, são instituições nacionais asseguradoras da ordem pública e mantenedoras da soberania nacional.